

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

1

## ANÁLISE DE UMA MANIFESTAÇÃO EMBLEMÁTICA DA EXTREMA-DIREITA FRANCESA: O MOVIMENTO POUJADISTA NA DÉCADA DE 1950

Guillaume Azevedo Marques de Saes

(Pós-Doutor em História pela Universidade de São Paulo)

Contato: guillaumedesaes@gmail.com)

O objetivo deste texto é divulgar um fenômeno político pouco conhecido pelos pesquisadores brasileiros, mas cuja compreensão poderá ser de grande utilidade para a análise das diferentes vertentes da extrema-direita que surgiram no Ocidente durante o século XX e que continuam surgindo atualmente. Trata-se do *poujadismo*, um peculiar movimento de extrema-direita que marcou a vida política da França na década de 1950, e que hoje é lembrado em grande parte por sua importância no início da carreira política do famoso e polêmico Jean-Marie Le Pen, líder do movimento Frente Nacional entre 1972 e 2011 e um dos maiores representantes da direita populista e xenófoba na Europa. O poujadismo se tornou também, de certa forma, um *conceito* em ciência política, na medida em que extrapolou as fronteiras da França e foi usado como modelo para caracterizar, por exemplo, alguns fenômenos políticos da extrema-direita norte-americana no século XX e nos dias de hoje.

A ideia de fazer um pequeno texto sobre o poujadismo veio após concluirmos a nossa pesquisa de Pós-Doutorado, realizada em 2018-2020 no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), sobre o tema da planificação econômica na França durante o chamado período dos Trinta Gloriosos (1945-1975); esta pesquisa, aliás, foi publicada recentemente em livro (SAES, 2021). A França viveu, durante os trinta anos seguintes ao final da Segunda Guerra Mundial, o período de maior crescimento econômico em toda a

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

2

história de seu desenvolvimento capitalista, e passou por um processo de modernização de suas estruturas produtivas, que transformou a economia francesa, de economia industrial mediana e estagnada às vésperas da guerra, numa economia capitalista mais competitiva (mesmo que jamais chegando ao nível de grandes potências industriais como os Estados Unidos e a Alemanha Ocidental). Este processo de modernização foi conduzido por elites dirigentes que defendiam um modelo econômico de orientação *keynesiana* e se apoiou numa política sistemática de modernização das unidades industriais, de modernização e mecanização da agricultura, de concentração do capital (incentivo à fusão de empresas com o objetivo de criar grupos econômicos mais fortes e competitivos), num modelo econômico misto no qual tanto o setor estatal como a iniciativa privada tinham posição de força, numa maior abertura econômica do país (sobretudo a partir da criação da Comunidade Econômica Europeia – CEE em 1957) e numa política de bem estar social por meio da criação da seguridade social. Apesar da instabilidade política do pós-1945 decorrente de mudanças de regime (Governo Provisório do pós-guerra em 1944-1946, Quarta República em 1946-1958 e Quinta República a partir de 1958), a orientação da política de desenvolvimento do Estado francês permaneceu praticamente a mesma (com mudanças apenas secundárias) até meados da década de 1970, quando então começaram as primeiras tentativas de reforma neoliberal.

Apesar do crescimento econômico sem precedentes e do pleno emprego característico da época, algumas tendências políticas se opunham ao modelo de desenvolvimento vigente. Além, logicamente, dos comunistas e da extrema-esquerda, que se opunham pelo menos teoricamente a qualquer modelo de desenvolvimento dentro do capitalismo, uma tendência situada à direita do espectro político se transformou na manifestação oposicionista mais virulenta ao modelo francês do pós-1945: trata-se do *poujadismo*, movimento radical que dizia falar em nome das categorias dos pequenos comerciantes, dos artesãos e dos pequenos agricultores – isto é, as categorias que representariam a “França tradicional” – e que surgiu como uma reação a esta onda modernizadora do pós-Segunda Guerra Mundial.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

3

O poujadismo surge na política francesa com a fundação da União de Defesa dos Comerciantes e Artesãos (UDCA) no ano de 1953. O seu líder é Pierre Poujade, daí o nome *poujadismo* (em francês *poujadisme*) dado ao movimento. Poujade, nascido em 1920, era originário da pequena cidade de Saint-Céré, situada no Sudoeste da França; filho de um integrante do famoso movimento direitista Ação Francesa (em francês *Action Française*)<sup>1</sup>, militou, quando adolescente, na juventude do Partido Popular Francês, do líder fascista Jacques Doriot<sup>2</sup>, e, nos primeiros anos da ocupação alemã da França durante a Segunda Guerra Mundial, integrou os Companheiros da França, juventude apoiadora do regime colaboracionista de Vichy.<sup>3</sup> Entretanto, em 1943 ele mudaria de lado, fugiria da França e entraria para a Resistência Francesa que atuava no exterior, alistando-se na aviação militar das Forças Francesas Livres (FFL) e combatendo na África do Norte. Retornando à sua cidade natal com o fim da guerra, Poujade abriria o seu pequeno negócio como dono de papelaria, o que lhe valeria mais tarde o apelido de “papeleiro de Saint-Céré”.

O insucesso do seu negócio fez com que Poujade decidisse ingressar na política com o objetivo de defender os interesses da sua categoria social e profissional, isto é, os interesses dos chamados “trabalhadores independentes”, que estariam sendo desprezados e prejudicados pela ordem vigente. A primeira manifestação poujadista se dá em julho de 1953 por meio de uma revolta de comerciantes contra os impostos: em Saint-Céré, cidade

---

<sup>1</sup> Movimento nacionalista e monarquista surgido na França na virada do século XIX para o século XX e que marcou a vida política do país até o final da Segunda Guerra Mundial. Foi liderado por nomes como Maurice Pujo e Henri Vaugeois, assim como pelo escritor Charles Maurras.

<sup>2</sup> O Partido Popular Francês (1936-1945) é considerado a principal organização fascista da França na década de 1930, e foi também uma das principais forças políticas que colaboraram com a ocupação nazista do país no período 1940-1944. O seu líder, Jacques Doriot, era um antigo militante de peso do Partido Comunista Francês e antigo prefeito de Saint-Denis, cidade vizinha de Paris.

<sup>3</sup> Após a derrota militar da França para a Alemanha hitlerista na desastrosa campanha de 1939-1940, a potência vencedora optou por dividir a ocupação do país derrotado em duas zonas, uma zona de ocupação direta pelas forças alemãs e que correspondia à parte septentrional do território francês (onde se encontra Paris) e uma “zona livre” correspondente à parte meridional e que passaria a ser governada por um regime fantoche a serviço do ocupante nazista, o chamado Estado Francês, ou, como ficou mais conhecido, o Regime de Vichy (referência à cidade, situada na parte sudeste do território, onde se instalou a sede do regime).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

4

de Poujade, um comitê de resistência dos comerciantes contra os aumentos dos impostos e contra a “tirania” dos agentes do fisco é criado, conseguindo pressionar o conselho municipal da cidade a fazer uma moção de apoio aos comerciantes “perseguidos” e uma interpelação no parlamento nacional exigindo uma reforma fiscal. A revolta dos pequenos comerciantes logo se espalharia para outras regiões da França, o poujadismo vindo a se destacar por sua força nas regiões menos desenvolvidas do país (regiões central, sul e sudoeste), regiões menos beneficiadas pela expansão econômica do pós-guerra e que se sentiam muitas vezes ameaçadas pela própria expansão; esta última seria vista como responsável por fenômenos como o êxodo rural (migração de populações destas regiões para os grandes centros urbanos em busca de trabalho) e a conseqüente redução do mercado de consumo para o comércio tradicional de província. A forma de resistência antifiscal naquele momento consistia na obstrução física aos agentes do fisco, por meio da formação de aglomerações do lado de fora das instalações comerciais visadas por aqueles; o movimento apresentava também reivindicações como a reforma tributária, o fim das auditorias fiscais e a convocação de uma assembleia dos “Estados-Gerais” com o objetivo de promover uma grande discussão nacional sobre o que os franceses queriam para o seu país. O modelo republicano parlamentarista, então vigente na França<sup>4</sup>, era um alvo tradicional da direita populista, que criticava o seu caráter oligárquico e pregava (pelo menos teoricamente) a instauração de alguma forma de “democracia direta”.

A expansão do movimento faria com que a UDCA chegasse a mais de 400 000 filiados em seu auge (ano de 1956), e com que fosse capaz de organizar grandes comícios de massa inclusive na capital Paris. Os eventos poujadistas não eram desprovidos de violência física, com confrontos dos seus militantes com a polícia e com militantes de outras tendências. O apogeu poujadista aconteceria nas eleições legislativas de janeiro de 1956, quando a União e Fraternidade Francesa (UFF), grupo parlamentar da UDCA,

---

<sup>4</sup> A França vivia naquele momento sob o regime da Quarta República (1946-1958), regime parlamentarista com um Presidente da República com pouco poder e com um Primeiro Ministro em posição dominante. Este regime se destacaria, entre outras coisas, por sua grande instabilidade (cerca de vinte gabinetes num período de doze anos), e seria substituído, em função de sua incapacidade em resolver o problema da liquidação do império colonial francês, pelo regime semipresidencialista da Quinta República; este último, por sua vez, se apoiaria, em seus primeiros anos, na figura do General de Gaulle, antigo líder e herói da Resistência Francesa contra a ocupação nazista.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

5

obteve 2,5 milhões de votos (12,6% dos votos) e elegeu 52 deputados, este sucesso eleitoral vindo a preocupar as elites dirigentes francesas; curiosamente, o próprio Poujade não se apresentou como candidato na ocasião, procurando controlar o movimento do lado de fora do parlamento. O movimento possuía também o seu órgão de imprensa, o jornal semanal *Fraternité française*, dirigido por Paul Chevallet, um colono francês da Argélia.<sup>5</sup> Entretanto, o declínio da UDCA não tardaria a acontecer: o desempenho pífio dos deputados poujadistas (militantes sem experiência política e totalmente despreparados) dentro do parlamento francês<sup>6</sup> e a hostilidade do governo e dos partidos políticos mais convencionais ajudariam a revelar a falta de fôlego do movimento. Além do mais, já a partir de fevereiro de 1956 os deputados poujadistas se envolveriam em polêmicas – incluindo uma troca de socos dentro do próprio prédio da Assembleia Nacional –, a maior das polêmicas resultando na exclusão de onze deles do parlamento por supostas irregularidades durante a campanha eleitoral (o número de deputados poujadistas cairia agora para 41). A partir daí, depois desta ascensão meteórica, o poujadismo iniciaria a sua também rápida derrocada, conseguindo apenas 300 000 votos (1,5%) nas eleições parlamentares de novembro de 1958, e com o número de filiados chegando a cair para 100 000 no final de 1959. Se a data oficial da dissolução da UDCA é o ano de 1962, pode-se dizer que já em 1958-1959 o movimento era uma força política praticamente liquidada (SHIELDS, 2000, p. 24).

O surgimento do poujadismo se deu, como apontamos atrás, num contexto em que os setores mais tradicionais do capitalismo francês, ligados à pequena e à média empresa – até então vistas como um símbolo econômico da França em contraste com as grandes corporações capitalistas características da vizinha Alemanha –, passavam a uma posição defensiva diante das tentativas do Estado francês em promover uma modernização acelerada das estruturas produtivas do país. A luta contra os impostos, por mais que estes fossem um elemento opressor e perturbador das atividades econômicas do pequeno

---

<sup>5</sup> O movimento possuía também o periódico mensal *L'Union*.

<sup>6</sup> Segundo uma testemunha da época, os deputados poujadistas eram incapazes de redigir uma proposta de lei (mesmo na área de interesse deles, que era a reforma tributária) ou de pronunciar um discurso. O jovem e truculento Jean-Marie Le Pen era, no entanto, uma exceção entre os deputados poujadistas, e acabaria se destacando como orador (SHIELDS, 2000, p. 23).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

6

comércio, ocultava na verdade um temor maior, que era o do aprofundamento da política de modernização e concentração capitalista implementada naquele momento pelo Estado francês: trata-se de uma revolta da “França do passado”, mais forte na parte meridional do país e apoiada na pequena empresa familiar, contra a “França moderna do presente e do futuro”, mais forte na parte setentrional do território e associada às grandes concentrações urbanas, à grande empresa “apátrida” e aos tecnocratas. Com base neste receio das grandes mudanças montou-se, portanto, um movimento de massa, de base sobretudo pequeno-burguesa, com um discurso truculento, populista e antissistema (embora não claramente golpista), e tendendo à violência física em algumas ocasiões. A sua derrota final significou também uma derrota da “velha França”, já superada, para a “nova França” do pós-Segunda Guerra.

Apresentaremos aqui o que consideramos os principais tópicos do discurso poujadista. O discurso político de Pierre Poujade e da UDCA se apoiaria, no nosso entender, nos seguintes eixos:

1) A defesa do *pequeno capital tradicional* (pequeno comércio, artesanato, pequena exploração agrícola) contra a onda de concentração capitalista promovida pelo Estado francês a partir de 1945.<sup>7</sup> Este é um dos principais aspectos *populistas* do poujadismo, que se reivindicava da herança da Revolução Francesa – e mais especificamente da sua ala mais radical, os *sans-culottes*, que também representaram no seu tempo a categoria dos pequenos produtores independentes (comerciantes, artesãos) – e atacava o “novo feudalismo” representado pelo grande capital monopolista, pelos grandes bancos e pelas corporações industriais acusadas de “apátridas” por seu pretensão vínculo com o capital estrangeiro. James G. Shields (2004, p. 37-38) nota a importância, dentro do discurso poujadista, da ameaça dos supermercados, ainda inexistentes no país

---

<sup>7</sup> Uma observação importante é a de que se a UDCA era muito popular no meio dos pequenos comerciantes e dos artesãos, ela fracassou em cooptar o campesinato, já representado por entidades agrárias de peso (SOUILLAC, 2007, p. 62-63). O fato de Henri Dorgères, antigo líder camponês direitista, estar presente nas fileiras poujadistas (ele foi inclusive um dos 52 deputados poujadistas eleitos em janeiro de 1956) certamente não foi suficiente para reverter este quadro desfavorável no meio agrícola.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

7

naquele momento, mas cuja instalação futura seria decisiva para a liquidação de grande parte do pequeno comércio.

2) Um *discurso nacionalista* que tinha dois sentidos. O primeiro era um sentido *político*, uma exaltação das glórias passadas da França, da *raça francesa* que estaria representada exatamente nas atividades econômicas tradicionais, ao contrário das atividades financeiras e dos grandes monopólios capitalistas *apátridas*. Uma das principais características do movimento foi uma defesa enfática do império colonial francês, sendo que a UDCA possuía muitos adeptos na população francesa da Argélia; aliás, o primeiro congresso nacional da UDCA aconteceu exatamente em Argel em 1954. Outro aspecto deste nacionalismo político era a defesa dos valores culturais da França, contra, por exemplo, a crescente influência norte-americana: o *galo*, ave que simboliza a França, era apresentado como um contraponto à *Coca-Cola*, bebida que era vista como símbolo dos Estados- Unidos. O segundo sentido do nacionalismo poujadista era *econômico*, e se apoiava num discurso protecionista contra o ingresso da França em qualquer projeto de mercado comum europeu; este aspecto é importante porque ele caracteriza grande parte da extrema-direita francesa até os dias de hoje, por ela representar setores econômicos sem condições de enfrentar a concorrência com economias mais fortes, em especial a economia alemã. O papel econômico do Estado francês seria, na ótica desta extrema-direita, o de servir de escudo contra a invasão do país pelos produtos industriais estrangeiros; a própria defesa da manutenção do império colonial possuía também um sentido econômico, o império colonial sendo visto como uma reserva de mercado para a produção francesa.

3) Um discurso *antissemita* que também possuía dois sentidos. O primeiro deles, muito comum nos diversos movimentos antisemitas espalhados pelo mundo, e sobretudo num país de forte tradição antisemita como a França, é a identificação da comunidade judaica com o capitalismo financeiro e com os grandes bancos, que na visão poujadista oprimiam a pequena empresa autóctone. A onda de estatizações na França do pós-guerra havia atingido os grandes bancos de depósito, mas havia poupado os bancos de investimento; à frente de alguns destes últimos havia famílias judias, como no caso do

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

8

banco Rothschild, que no período gaullista iniciado em 1958 se tornaria um dos grupos econômicos mais influentes do país. O discurso antissemita do poujadismo tinha, portanto, como um de seus principais alvos os grandes bancos de investimento, que eram aliados das grandes corporações industriais, que ajudavam a financiar as fusões de empresas e a concentração capitalista, e que, portanto, eram vistos como uma grande ameaça ao pequeno e ao médio capital. O outro sentido do antissemitismo poujadista é a associação dos judeus à própria política de modernização do Estado francês no pós-guerra, associação que era facilitada pela figura de Pierre Mendès France, Primeiro-Ministro da República francesa em 1954-1955, político de centro-esquerda de origem judaica e um dos principais defensores da modernização da França: Mendès France seria um dos grandes alvos do discurso poujadista, que o associava a uma raça estrangeira e a uma política que prejudicava os interesses legitimamente nacionais.

4) *Discurso antitecnocrático*. Outro grande alvo dos ataques poujadistas são os *tecnocratas* encarregados da administração do país e vistos como responsáveis pela orientação econômica vigente, como agentes dos grandes grupos financeiros e empresariais apátridas. O discurso poujadista era extremamente rancoroso contra os especialistas, os técnicos (muitos deles formados na famosa Escola Nacional de Administração – ENA)<sup>8</sup>, os economistas arrogantes e antipatriotas que estariam contribuindo para a destruição do país. Poujade insistia em se apresentar como o contrário desta elite tecnocrática, como um francês popular e autêntico, daí a própria grosseria (com o uso frequente de palavrões) em seus discursos. O poujadismo era também hostil aos intelectuais em geral, assim como às elites parisienses que perderam, segundo ele, o contato com a realidade do país.

5) *Anticomunismo*. Este aspecto não se revelou claramente desde o primeiro momento. Houve, inclusive, inicialmente, uma tentativa de aproximação por parte do Partido Comunista Francês (PCF), que enxergava vantagens políticas numa aliança tática

---

<sup>8</sup> Criada em 1945 durante a onda modernizadora do pós-guerra, a ENA surgiu com a função de formar os altos funcionários da administração pública francesa. Entre os *énarques* (alunos formados pela escola) mais famosos, temos os ex-Presidentes da República Valéry Giscard d'Estaing e Jacques Chirac e o atual Presidente da República Emmanuel Macron.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

9

com os pequeno-burgueses em revolta, com a presença de quadros do próprio PCF nas fileiras da UDCA. Esta aliança mais ou menos assumida não durou muito tempo, o próprio Pujade não vendo com bons olhos a presença de uma força política estranha ao seu movimento procurando tomar conta dele e usá-lo para fins próprios, e a base militante, muito apegada à ideia de propriedade, rejeitando uma união com uma corrente política que pregava a socialização dos meios de produção. Enquanto defensor da *propriedade individual*, o poujadismo só poderia ser *anticomunista*. O rompimento entre os dois não tardaria, o PCF vindo a acusar a UDCA de ser um movimento fascista e os dois grupos tornando-se inimigos jurados. A presença de militantes mais afinados com a extrema-direita clássica, como Jean-Marie Le Pen, Jean-Maurice Demarquet e Jean Dides, tornava ainda mais difícil qualquer aliança com os comunistas.

6) *Antiestatismo e antifiscalismo*. Este aspecto é vital para a compreensão do poujadismo, e para entendermos a sua especificidade em relação a outros fenômenos da direita autoritária como o próprio fascismo. A defesa do protecionismo econômico que caracterizava o discurso poujadista não era acompanhada de uma defesa do estatismo: ao contrário, apegados à propriedade privada e vendo o Estado, identificado com os agentes do fisco, como grande inimigo e como força opressora, os poujadistas defendiam ideias econômicas ultraliberais, pregando uma retração do Estado na área econômica. O próprio Estado de bem-estar social era condenado por pelo menos uma parte dos poujadistas, que não se sentiam beneficiados pela seguridade social – esta última beneficiava sobretudo os trabalhadores assalariados – e viam nela um dos fatores para o aumento dos impostos. Este é um dos aspectos mais conservadores do poujadismo, que deixava claro aqui que ele não representava a classe trabalhadora assalariada, e que podia até se apresentar como adversário político desta ao negar-lhe os direitos sociais adquiridos no pós-guerra. Este aspecto diferencia também o poujadismo do fascismo clássico (modelos italiano e alemão), que se notabilizava por um culto do Estado, pela defesa do dirigismo econômico e por políticas sociais (algumas particularmente avançadas); o próprio regime hitlerista na Alemanha se reivindicava de um tipo de “socialismo” que procurava integrar as classes trabalhadoras dentro da comunidade nacional. O antiestatismo do poujadismo, que será

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

10

herdado pela Frente Nacional de Le Pen, o aproxima mais da extrema-direita norte-americana do que da extrema-direita fascista europeia clássica.

7) *Autoritarismo e antiparlamentarismo*. Por conta de seu antiestatismo na área social e econômica, o “autoritarismo” do movimento poujadista acaba se tornando vago, com ataques verbais contra o parlamento francês (visto como representando os inimigos da pequena propriedade), mas sem a elaboração de um discurso claramente ditatorial, que exalte a autoridade estatal. Além do mais, os poujadistas manifestavam a sua fidelidade pelo menos verbal à República e condenavam qualquer atitude golpista. A sua posterior ligação com a direita colonialista subversiva da OAS<sup>9</sup> não deixa evidenciado que Poujade e a UDCA estivessem efetivamente comprometidos com uma tentativa de derrubada do regime vigente. Esta atitude ao mesmo tempo *antipolítica* (condenação do parlamentarismo e dos partidos políticos tradicionais) e *legalista* (condenação pelo menos verbal do golpismo) provocaria uma contradição que deixaria o movimento poujadista suspenso no ar e contribuiria para o seu rápido declínio.

O declínio do movimento poujadista não o impediu de continuar participando da política até a dissolução da UDCA em 1962. Em maio de 1958, havia uma presença forte de militantes poujadistas da Argélia no golpe de Estado que levou ao retorno do General de Gaulle ao poder e ao fim da Quarta República<sup>10</sup>; pouco depois, a UDCA passou para a oposição ao governo de Gaulle, especialmente quando este último começou a dar sinais de que iria conceder a independência à Argélia. Além do mais, se o gaullismo da década de 1950 tomara posições em comum com o poujadismo (defesa do império colonial,

---

<sup>9</sup> Estamos nos referindo à *Organisation de l'armée secrète (OAS)*, em português *Organização do Exército Secreto*, organização político-militar clandestina criada em fevereiro de 1961 com o objetivo de lutar por todos os meios (inclusive o terrorismo) pela manutenção da Argélia como colônia da França. Foi responsável por uma série de atentados violentos resultando num total de mais de 2.000 mortes na Argélia e mais de 70 mortes em território francês, assim como por tentativas frustradas de assassinar o General de Gaulle, então Presidente da República francesa.

<sup>10</sup> Trata-se do golpe militar de 13 de maio de 1958, comandado por oficiais militares aliados a colonos franceses da Argélia, e cujo objetivo era a implementação de uma política mais forte e enérgica no sentido da manutenção do domínio francês naquela parte do império colonial. A insurreição militar na Argélia provocaria uma grande crise política, e levaria ao retorno do General de Gaulle ao poder e ao fim do regime da Quarta República.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

11

rejeição de qualquer projeto de mercado comum europeu), e fora até aliado deste último no parlamento, o General de Gaulle que retornava ao poder em 1958 já havia mudado em muitos aspectos, ao reconhecer o caráter superado do império colonial e ao defender a inserção econômica da França na Europa: o gaullismo da década de 1960 seria tudo o que o poujadismo rejeitava, na medida em que completaria o processo de liquidação do império colonial francês, aceleraria o processo de concentração capitalista em detrimento das pequenas e médias empresas e aceleraria a integração da França na recém-criada CEE. Tendo participado da conspiração da direita colonialista do Exército francês para o golpe frustrado de abril de 1961, Poujade acabou por recuar e se isentar de uma participação ativa na ação subversiva, confirmando a sua posição contraditória de ser ao mesmo tempo uma liderança *antissistema e não-golpista*.<sup>11</sup>

Com a dissolução da UDCA, a carreira de Poujade como liderança política praticamente se encerrava. Em 1965, já tendo feito as pazes com o gaullismo, Poujade apoiaria a reeleição do General de Gaulle à Presidência da República e entraria para um órgão de assessoria técnica ao governo, especializando-se nas questões envolvendo os pequenos negócios; ele continuaria nesta função de assessoria até o final do governo de Georges Pompidou em 1974. Curiosamente, ele voltaria a exercer a sua função de consultoria ao Estado no governo do socialista (e antigo inimigo político) François Mitterrand (1981-1995) e, posteriormente, no governo do *neogaullista* Jacques Chirac. Poujade se destacaria também em pesquisas sobre o uso da energia vegetal para a produção de combustível, além de atuar como fazendeiro e comerciante, vindo a falecer subitamente em agosto de 2003, aos 82 anos de idade, pouco depois dos festejos dos 50 anos de fundação do seu famoso movimento político.

---

<sup>11</sup> James G. Shields (2004, p. 47) se refere a uma participação de Poujade na conspiração que levaria ao golpe militar frustrado de abril de 1961, golpe ocorrido na Argélia e liderado por generais colonialistas contra o governo de Gaulle. Poujade, entretanto, recuaria no último momento e não daria o seu apoio à ação insurrecional, alegando posteriormente que evitara um banho de sangue na França ao não colocar o seu movimento a serviço da OAS.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

12

Embora consideremos que o poujadismo é um fenômeno político de extrema-direita, reconhecemos que ele também é ambíguo em alguns aspectos, e que esta ambiguidade pode levar ao desenvolvimento de interpretações diferentes sobre a natureza do movimento. Por exemplo, se Romain Souillac, autor de um dos estudos mais recentes sobre o assunto (SOUILLAC, 2007)<sup>12</sup>, apresenta o poujadismo como um herdeiro de fenômenos da extrema-direita clássica francesa – Ação Francesa, o Regime de Vichy e outras tendências nacionalistas e fascistas –, James G. Shields, autor de dois interessantes artigos que usamos aqui (SHIELDS, 2000, 2004), nega que o poujadismo seja de fato um fenômeno de extrema-direita e procura ressaltar o comprometimento do movimento com alguma forma de legalidade republicana. Como dissemos atrás, houve penetração comunista no movimento num primeiro momento; houve, entretanto, ao mesmo tempo, a presença de lideranças mais claramente afinadas com a extrema-direita clássica e que logo seriam expelidas do movimento por serem vistas como oportunistas que estavam usando a UDCA para seus próprios fins.<sup>13</sup> Aparentemente, Poujade procurou ao máximo evitar que o seu movimento fosse nucleado por grupos estranhos a ele, tanto grupos vindos da esquerda como da direita.

A rejeição de Poujade à infiltração de seu movimento por grupos extremistas não nos faz, entretanto, considerar o poujadismo como um fenômeno “centrista” ou que esteja acima da polarização direita/esquerda. O seu discurso é, no nosso entender, um discurso de extrema-direita, mas que deve ser classificado como uma tendência bem particular dentro da extrema-direita. O seu caráter popular, a sua defesa de uma pequena-burguesia proprietária em conflito com os poderosos, a sua reivindicação de uma herança revolucionária, o diferenciam dos movimentos de direita mais clássicos e elitistas (por exemplo, a direita mais aristocrática ligada a causas como a restauração monárquica). Por

---

<sup>12</sup> Lamentavelmente não tivemos acesso, para a feitura deste pequeno texto, a dois estudos clássicos sobre o fenômeno poujadista, o primeiro sendo um livro organizado pelo norte-americano Stanley Hoffmann no ano de 1956 (em pleno auge do movimento) e o segundo um trabalho de autoria do historiador francês Dominique Borne publicado em 1977.

<sup>13</sup> Por exemplo, Le Pen, um dos representantes deste grupo, iniciou uma aproximação com outra liderança de extrema-direita dentro do parlamento, o veterano líder ultranacionalista Jean-Louis Tixier-Vignancour, aparentemente sem a anuência de Poujade. Em 1965, Le Pen seria o coordenador da derrotada campanha eleitoral de Tixier-Vignancour à Presidência da República.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

13

outro lado, o seu antiestatismo o diferenciam do fascismo e de qualquer corrente que coloque a apologia do Estado como um de seus pilares ideológicos. O poujadismo é, na verdade, uma *direita populista* com identidade própria dentro da extrema-direita francesa. O sociólogo Serge Mallet (1965), que em vários momentos enfatiza o caráter historicamente reacionário do poujadismo (defesa de um capitalismo primitivo e atrasado), observa um fenômeno similar no *macartismo*, o famoso movimento direitista norte-americano da década de 1950 e que (um aspecto seu menos conhecido por nós) também se apoiava na categoria dos pequenos capitalistas em conflito com o grande capital. James G. Shields (2004, p. 52), por sua vez, vê uma semelhança entre o poujadismo e o movimento populista norte-americano do final do século XIX (o Partido do Povo), este último apoiado na categoria dos pequenos fazendeiros e comerciantes em revolta contra o poder corporativo, assim como uma semelhança entre o poujadismo e o movimento *Uomo Qualunque* (“Homem Comum”), surgido na Itália no pós-Segunda Guerra Mundial e que também se apoiou num espírito de revolta popular contra o Estado e a elite política. Mais recentemente, o poujadismo tem sido comparado com o famoso movimento direitista e antifiscalista Tea Party, surgido nos Estados Unidos no ano de 2009 como reação ao “estatismo” do governo de Barack Obama<sup>14</sup>, e a herança poujadista tem sido também notada no discurso do movimento de rua dos *coletes amarelos*, surgido na França no ano de 2018 em oposição ao governo de Emmanuel Macron. Em suma, comparações não faltam, inclusive as menos sofisticadas que associam o poujadismo ao nazifascismo (daí o apelido de *Poujadolf* dado a Poujade). Seria interessante também verificar se entre os brancos pobres que apoiaram o ex-Presidente dos Estados Unidos Donald Trump ou que entram para movimentos supremacistas não haveriam também motivações de tipo poujadistas.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> A comparação do Tea Party com o fenômeno poujadista é feita, por exemplo, pelo historiador norte-americano Robert Zaretsky.

<sup>15</sup> Aqui no Brasil fenômenos como o poujadismo seriam mais difíceis de aparecer devido à própria falta de tradição de pequena propriedade, de pequeno comércio e de artesanato no país. Estes setores existem logicamente, mas sem a mesma força política encontrada na França e nos Estados Unidos. Com base em pesquisas anteriores, encontramos alguma semelhança entre o poujadismo e o jacobinismo carioca da década de 1890, mas os exemplos são poucos. Já o bolsonarismo, por sua aliança com setores do latifúndio e do grande comércio, pouco teria em comum com o poujadismo.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

14

O poujadismo é hoje lembrado em grande parte por ter sido uma etapa importante no início da carreira política do líder extremista Jean-Marie Le Pen. Veterano da Guerra da Indochina e formado pela Faculdade de Direito de Paris, Le Pen ingressou na UDCA no final de 1955, tornando-se líder da juventude do movimento (a União de Defesa da Juventude Francesa)<sup>16</sup> e sendo eleito deputado, aos 27 anos de idade, por ocasião do grande triunfo eleitoral poujadista de janeiro de 1956. Um ano depois seria, entretanto, excluído da UDCA: o ambicioso Le Pen, que representava a ala do movimento mais afinada com a extrema-direita clássica da França, logo entraria em colisão com um Poujade receoso de perder o controle da organização. De aliados, Poujade e Le Pen passariam a inimigos. Entretanto, este conflito não impede que a Frente Nacional (FN) possa ser considerada, em muitos aspectos, um herdeiro político do poujadismo: embora a FN, fundada em 1972 pelo movimento neofascista *Ordre Nouveau*, consistisse numa coalização de diversos grupos de extrema-direita então existentes na França (nazifascistas, monarquistas, integristas cristãos, nostálgicos do Regime de Vichy, etc.), muitas bandeiras que iriam caracterizar o movimento (nacionalismo político, nacionalismo cultural, protecionismo econômico, antiestatismo e antifiscalismo, antissemitismo, nostalgia do império colonial, defesa da pequena e da média empresa, antieuropeísmo, xenofobia, discurso antitecnocrático) já estavam presentes no poujadismo. O próprio estilo truculento de Le Pen lembra bastante a oratória poujadista. Logicamente há algumas diferenças, como uma presença mais ostensiva do tradicionalismo católico e monárquico na FN e uma xenofobia também mais acentuada que faria a fama do movimento de Le Pen a partir da década de 1980. Ao contrário do antissemitismo, a xenofobia contra o trabalhador estrangeiro não parece ter tido grande peso no poujadismo<sup>17</sup>, possivelmente pela razão de que a imigração em massa de trabalhadores “não-brancos” vindos do antigo império colonial ainda não havia começado

---

<sup>16</sup> Em março de 1955 a UDCA criava *uniões paralelas*, com o objetivo de cooptar outros segmentos sociais originalmente não contemplados pelo movimento. Assim, por exemplo, eram criadas a União de Defesa dos Agricultores da França (UDAF), a União de Defesa dos Operários Franceses (UDOF) e a União de Defesa da Juventude Francesa (UDJF), esta última comandada por Le Pen.

<sup>17</sup> Embora fossem exigidas pelo menos três gerações de descendência francesa para poder fazer parte do conselho administrativo da UDCA (SHIELDS, 2000, p. 25-26), esta demonstração de xenofobia ainda era modesta perto das atitudes e do discurso da Frente Nacional a partir da década de 1980.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

15

(ela só aconteceria na década de 1960). Os trabalhadores estrangeiros instalados na França ainda eram predominantemente italianos, espanhóis, portugueses, poloneses, etc., isto é, trabalhadores europeus, brancos e cristãos; não havia ainda na França a *tensão racial* que marcaria as décadas seguintes e que alimentaria o discurso da Frente Nacional a partir da onda de desemprego da década de 1980.

O poujadismo fracassou politicamente, em parte em função da própria falta de envergadura de seu líder, que ao mesmo tempo em que procurava se mostrar uma liderança antissistema, hostil à política burguesa clássica, hesitava em apoiar de forma convicta os empreendimentos golpistas e as tentativas revolucionárias. Este “legalismo antiburguês” se revelaria fatal para o movimento, que declinaria rapidamente após o seu triunfo eleitoral de janeiro de 1956.<sup>18</sup> Outro fator que pode explicar a derrota do poujadismo é a incapacidade do movimento em promover a sua transformação num partido com aspirações verdadeiramente nacionais, capaz de cooptar setores mais amplos da população francesa; o poujadismo continuou, apesar de tudo, um movimento essencialmente classista. Finalmente, o poujadismo foi derrotado por defender uma causa perdida, isto é, a preservação de uma tradição pequeno-burguesa surgida com a Revolução Francesa e que agora estava condenada de forma irreversível, com a onda modernizadora do pós-Segunda Guerra Mundial. De qualquer forma, mesmo que derrotado e com uma existência efêmera, o fenômeno poujadista deixou a sua marca na história francesa e se transformou numa espécie de conceito usado para designar fenômenos políticos fora das fronteiras da França.

A compreensão do fenômeno poujadista pode ajudar a entender o fenômeno da extrema-direita em seu conjunto, mostrando em primeiro lugar como a extrema-direita é dividida em diferentes tendências que podem às vezes ser mesmo antagônicas, e como nem sempre ela pode ser associada a projetos hegemônicos de setores poderosos das classes dominantes. A ideologia da direita populista (assim como a própria ideologia do

---

<sup>18</sup> O próprio Le Pen afirmaria mais tarde que se distanciara de Pujade por este fugir ao seu destino de grande líder nacional e não aproveitar as oportunidades políticas que surgiam (SHIELDS, 2004, p. 48).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

16

nazifascismo) está em geral associada à pequena burguesia, isto é, a setores declinantes e pouco privilegiados das camadas médias; ela não está, ao contrário do que pensam muitas correntes da esquerda, associada ao grande capital, que por sua vez possui os seus próprios partidos, as suas próprias entidades de classe e as suas próprias lideranças (em geral no campo do centro-direita) e só recorre à extrema-direita (como na Itália na década de 1920 e na Alemanha na década de 1930) em caso de falência completa do sistema político tradicional. A aliança entre a extrema-direita e os grandes capitalistas, quando ela acontece, é de fato mais *tática* do que baseada em convicções políticas e ideológicas. Na França esta aliança nunca aconteceu, pelo menos até agora.

## BIBLIOGRAFIA

- BERSTEIN, S. *La France de l'expansion. I. La République gaullienne 1958-1969*. Paris: Seuil, 1989.
- COLLOVALD, A. Histoire d'un mot de passe : le poujadisme. Contribution à une analyse des « ismes ». In: *Genèses*, 3, 1991. La construction du syndicalisme. pp. 97-119.
- GOETSCHEL, P ; TOUCHEBOEUF, B. 2ª ed. *La IVe République : la France de la Libération à 1958*. Paris : Librairie Générale Française, 2011.
- MALLET, S. *Le gaullisme et la gauche*. Paris: Seuil, 1965.
- RIOUX, J.-P. *La France de la Quatrième République. 2. L'expansion et l'impuissance (1952-1958)*. Paris: Seuil, 1983.
- SAES, G. A. M. de. *Capitalismo planejado: a planificação econômica na França dos "Trinta Gloriosos" (1945-1975)*. São Paulo: Independently published, 2021.
- SHIELDS, J.G. An Enigma Still: Poujadism Fifty Years On. *French Politics, Culture & Society*, Vol. 22, Nº 1, Spring 2004.
- SHIELDS, J.G. The Poujadist Movement: A faux 'fascism', *Modern & Contemporary France*, 8:1, 19-34, 2000.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

17

SOUILLAC, R. *Le mouvement Poujade. De la défense professionnelle au populisme nationaliste (1953-1962)*. Paris : Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 2007.

WINOCK, M. Populismes français. In: *Vingtième Siècle, revue d'histoire*, n°56, octobre-décembre 1997. Les populismes. pp. 77-91